C. M. B.
BIBLIOTECA

BARCELOS

JOTA GERAÇÕES

COMISSAO POLITICA DA J.S.D DE BARCELOS

Nº 0 JUNHO / 1993 DIRECTOR: JOSÉ ANTÓNIO FRANQUEIRA

EDITORIAL

Surge pela primeira vez, a publicação de um jornal "GERAÇÕES", da responsabilidade da Comissão Política da J.S.D.-Barcelos. Projecto há alguns anos, objectivo há tantos outros, finalmente a sua concretização.

Esta iniciativa justifica-se tão somente pela falta de informação política que os militantes sentem, pois é-nos difícil um contacto permanente, uma discussão aberta sobre os mais variados problemas com que cada um de nós é confrontado, na sua vivência do dia-a-dia.

Pretendemos, também, que seja um espaço de debate sobre questões concretas como a educação, o Acesso ao Ensino Superior, à justiça, o Ambiente e a política de Juventude no seu todo.

A edição do número zero (0) de "GERAÇÕES" é, também, uma das várias iniciativas propostas no programa de candidatura da actual Comissão Política da Juventude Social Democrata de Barcelos.

Finalmente, resta-nos a satisfação de poder contribuir de uma forma responsável para que, quer a J.S.D., quer o P.S.D., possam utilizar este orgão e, desta feita, dar uma dinâmica terrena à política. Esperamos que a sua continuação e qualidade sejam uma realidade no contexto político barcelense, distrital e (porque não?) nacional.

C.P.S./J.S.D.
JOSÉ ANTÓNIO FRANQUEIRA
Presidente

-EM DEFESA DA REGIONALIZAÇÃO

A regionalização é uma questão de importância capital e quem quizer assumir a responsabilidade de não a implementar no território continental está a cometer um erro técnico e um grave erro político.

-CONVITE À PARTICIPAÇÃO

Espaço dedicado a todos os jovens Barcelenses que queram dar largas à imaginação. Deam a cara, não se limitem a falar na sombra.

-A JSD E O ASSOCIATIVISMO

Um grande apoio prestado às associações que o solicitam. Trazer jovens para a política, representa uma aposta clara na renovação das pessoas e das ideias.

-IRREALIZAR POR AÍ. . .

Papel poderoso na influência da opinião, por parte dos meios de comunicação social. Não somos nem mal educados nem tratamos mal os jornalistas, também não somos é parvos!.

-A JSD E AS PROXIMAS ELEIÇÕES

Defendemos uma verdadeira aposta nos jovens para as próximas eleições autarquicas.

A JSD quer o Dr. Fernando Reis como candidato às próximas eleições autarquicas, Barcelos fica a ganhar, os jovens também. . .

-OS SINDICATOS E OS JOVENS

A participação dos jovens no sindicalismo é nula, pois falta clareza nas propostas.

-LIBERDADE E JUSTIÇA PARA TIMOR.

EM DEFESA DA REGIONALIZAÇAO

Diz-se que em política é preferivel que o erro seja de caractér técnico do que político. São conhecidos vários casos em que a dicisão política impõe-se sobre o parecer técnico, levando, por exemplo, a que, em termos económicos, houvesse desperdicios de recursos.

No entanto, estou convencido de que, cada vez mais, os erros técnicos vão-se tornar erros políticos. A sociedade no seu eterno aperfeiçoamento, tem permitido que uma maior gama de conhecimentos seja apreendida por um maior número de pessoas. Uma sociedade informada, dificilmente aceitará que se cometam erros técnicos. Um erro técnico pode ser políticamente aconselhável no curto prazo, mas é de certeza políticamente incorreto no longo prazo.

Contudo, existem determinadas questões que pela sua relevância e importância ultrapassam esta dicotomia. Um exemplo paradigmatico é a regionalização. Para estas questões o critério aferidor não é a qualidade técnica da medida política, mas o caracter estruturador da problemática. Tem que se avaliar estes assuntos pela alteração que podem trazer ao sistema social Português.

A regionalização é um assunto que periódicamente aparece nos círculos políticos, principalmente na altura das eleições, é, no meu ponto de vista, uma questão de importância capital e quem quizer assumir a responsabilidade de não a implementar no território continental está a cometer um erro técnico e um grave erro político.

Do ponto de vista técnico podem-se referir vários argumentos que justificam a adopção de estruturas regionais com autonomia administrativa e política. O reforço de desenvolvimento em que estamos inseridos precisa de ser apoiado em instituições regionais. Estas instituições permitirão que os recursos aplicados no desenvolvimento da região sejam melhor aproveitados. A diminuição das

Cont.pág.3.

EM DEFESA DA REGIONALIZAÇÃO

desigualdades regionais necessita que cada região tenha capacidade de autonoma
mente criar mecanismos promotores do crescimento e do desenvolvimento.

A regionalização é importante, porque permite uma diminuição da burocracia e uma maior flexibilização das decisões da administração. São multiplos os exemplos de matérias em que a administração central tem que elaborar pareceres, criando inúmeras dificuldades para o avanção dos processos e tornando as relações com os serviços do estado morosas e infindáveis.

A crescente vaga de associações inter-municipais são um sintoma de que falta uma instituição com competências inter-municipais, isto é, regionais, para resolver os problemas que, cada vez mais, afectam populações de vários concelhos (poluição, tratamento de residuos, determinados fins económicos, etc.).

Políticamente o adiamento da regionalização é um grave erro que denota falta de coragem política para assumir reformas necessárias ao desenvolvimento do país. Para o P.S.D., porém, esse erro será maior porque a regionalização sempre foi uma bandeira do nosso partido. Desde Sá Carneiro, que este tema foi uma das bases de estratégia política do P.S.D.. Esse papel vanguardista foi conhecido pela escolha que desde então as populações da Madeira e dos Açores - as únicas regiões autonomas do país - têm feito.

O tratado de Maastricht, ao enunciar o principio da subsidariedade veio, inequivocamente, indicar que existem questões que os orgãos executivos mais próximos das populações podem resolver melhor. O que é válido para os orgãos nacionais, também é correcto para os orgãos regionais.

Cont.pág.4.

 Cont.pág.3.

EM DEFESA DA REGIONALIZAÇÃO

A regionalização possibilita que haja uma maior aproximação entre os cidadãos e os orgãos decisores. Essa aproximação possibilitará uma resposta rápida e adequada aos problemas das populações e um controle mais fácil e correcto das decisões da administração pela sociedade civil.

Defender a regionalização, é acreditar no livre arbítrio das populações e na democracia. É renunciar ao centralismo administrativo e ao dinamismo económico. Numa palavra, defender a regionalização é ser Social Democrata.

Numa época em que alguns políticos defedem a semelhança e proximidade de posições entre P.S. e P.S.D., temos que ser nós a J.S.D. a fazer a distinção clara e objectiva. Enquanto que as nossas posições têm sido assumidas e empreendidas desde sempre, a oposição pretende assumir agora valores, posições e medidas que antes renunciavam. isto é fruto da falta de objectivos para Portugal e para os Portugueses.

Assim, nós propomos que distinção se faça desde já, levando a cabo um processo de regionalização do território continental, para que o P.S.D. continue na vanguarda da sociedade Portuguesa.

Candido Senra
CPS/JSD

ESPAÇO DOS MILITANTES
****

CONVITE À PARTICIPAÇÃO

Este espaço é dedicado, em especial, a todos os jovens laranjas, que de alguma forma exaltam as siglas desta grande massa jovem-Jsd.. Qual de nós não anseia fazer-se ouvir, dar algo de muito útil a conhecer. Vamos libertar estas amarras, deixemos de lado esses antigos padrões e afirmemo-nos com fulgor, pois ainda há muita coisa para se fazer. Portanto, não esperemos que os outros pensem por nós, temos sim que pensar que há algo a mudar, depende somentede nós.

Nada devemos recear, afinal de contas, qual de nós nunca idealizou o modelo de sistema perfeito. Sim, eu sei que soa bem, mas não podemos esquecer, que a perfeição é algo que transcende o ser humano, por issso se nos considerarmos como tal, não é digno que nos fiquemos pelas ciíticas vãs, que tantos de nós se vangloriam destas conversas de cafés. Deem a cara, não se limitem a falar na sombra, façamos algo mais por nós e pelos outros, mas para o conseguirmos é preciso muito mais que uma crítica cobarde, é necessário criar alternativas, arranjar soluções, pois só esse é o caminho da verdadeira perfeição.

Aceitemos o desafio de bom grado, só assim, os jovens que somos hoje serão os homens de amanhã.

CPS/JSD

ALBERTO AMARAL

++++++++++++++++++
INFORMAÇÕES
##################

Preve-se, durante 1993, a incorporação de 50.000 jovens.

Até hoje, apenas foram incorporados 15.000 jovens (Exército e Força Aérea).

Todos os jovens com habilitaçãoes para oficiais ou sargentos (12° ano ou mais) cumprirão apenas 4 meses de SMO.

Na Força Aérea todos os incorporados cumprirão 4 meses de SMO.

Na Marinha, desde já 33% dos incorporados cumprirão 4 meses de SMO.

A duração do SMO na Marinha atingirá o máximo de 10 meses.

No Exército, 70% dos incorporados cumprirão 4 meses de SMO.

No Exército, ninguém permanecerá para além dos 7 meses.

Os mancebos que virem o tempo de SMO prolongado têm o mesmo tipo de regalias dos voluntários.

-A JSD defende o FIM DA OBRIGATORIEDADE DO SMO.

-Manifesta o seu DESAGRADO POLÍTICO pelo facto de nem todos os jovens a incorporar cumprirem apenas quatro meses.

NOVO REGIMA DE AVALIAÇÃO DO ENSINO BÁSICO

A publicação de um novo regime de avaliação e a sua aplicação justifica-se:

-Pela necessidade de se promover o acesso de todos a uma escolaridade básica de 9 anos.

-Pela urgência em tratar de modo pedagógico dificuldades de aprendizagem dos actuais 230.000 repetentes/ano (estas resolvem-se ajudando-os a recuperar).

-Pela necessidade de termos um sucesso escolar com mais qualidade.

A J.S.D. E O ASSOCIATIVISMO

A J.S.D. de Barcelos, tem vindo desde há algum tempo a esta parte a apoiar e a fomentar o ASSOCIATIVISMO, nas escolas do nosso Concelho. Para tal tem vindo a incentivar a feitura de listas com jovens Sociais Democratas às eleições uma dinâmica, bastante diferente daquela a que estavamos habituados, passando os estudantes a usarem a sua criatividade para a captação de votos dos seus colegas, temtamdo desta feita que a escola se transforme numa colectividade, onde a amizada e a defesa dos estudantes junto dos conselhos directivos seja uma realidade.

Toda esta evolução deve-se sem dúvida à actual CPS da JSD, que assim fez renascer do esquecimento o Associativismo em Barcelos.

Mas, a jota não se fica por aqui, continua mesmo depois do acto eleitoral o seu contínuo apoio no desenvolvimento e execução dos programas com que as listas se apresentaram, para que mais fácil e eficazmente se desenvolva o trabalho que nos espera.

Depois desta verdadeira revolução no Associativismo, a jota não se deve ficar por aqui, deve apostar na qualidade, isto é, não deve apoiar listas só para dizer que tem listas a concorrer, mas escolher os mais capazes e competentes. Quando a Jota não tiver todo isto em conta, perde certamente credibilidade junto de todos os estudantes.

A captação de futuros jovens para a JSD, e consequentemente quadros para o partido, será de certeza uma boa aposta na renovação, quer das pessoas quer das ideias.

Como Presidente da Associação de Estudantes e membro da CPS da JSD, agradeço à jota o apoio que me têm concedido nos últimos dois anos.

O Associativismo, é hoje uma realidade, mas se o é deve-se aos governos do PSD, que têm desenvolvido uma política de juventude a todos os níveis exemplar.

CPS/JSD

JOEL MIRANDA

IRREALIZAR POR AÍ...

Cada vez mais, os meios de comunicação social têm um papel poderosíssimo na influência da opinião pública. Desempenham uma tarefa importante e, por conseguinte, devem tratar os assuntos de forma objectiva, verdadeira e imparcial.

Parecem-nos ser estes os aspectros mais importantes no trabalho jornalístico. A denúncia de situações menos correctas, de problemas reais, a informação de casos verdadeiros, são tarefas cruciais à vida democrática, que, também, competem aos jornais.

Mas nós não podemos aceitar que o tratamento jornalístico seja parcial, tentando influenciar a opinião pública no sentido que mais convém ao jornalista A, B ou C. Quando isto acontece comete-se erros graves que em nada dignificam o trabalho jornalístico.

Devido a esta nossa maneira de ver o jornalismo, não podíamos deixar de manidestar o nosso descontentamento relativamente a certas notícias, da responsabilidade de jornalistas que militam ou militaram em partidos olíticos, quase de extrema esquerda, e que tentam destruir pessoas sérias e responsáveis e, acima de tudo, que transmitem factos falsos. O jornalismo não pode ser isto.

Tentaremos dar, aqui, alguns exemplos de que essas situações se verificaram. São exemplos locais, para uma mais fácil compreensão.

Como se sabe, foi em Barcelos que se iniciou a oposição às duas chamadas da PGA, do ano transacto. Houve manifestações em Barcelos, sendo a mais relevante a ocupação da ponte romana pelos estudantes do ensino secundário. Estes andavam com cartazes que apenas demonstravam a sua insatisfação quanto às duas chamadas. Contudo, no maior jornal diário do país, saiu uma notícia dizendo que os estudantes contestavam duramente o Governo e empunhavam cartazes que diziam: "Abaixo o Governo". Quando se perguntou ao jornalista responsável pela notícia onde é que ele tinha lido aquilo, ele respondeu: "foram os meus alunos, que passaram por lá e me disseram".Esses alunos eram do ensino preparatório.

Cont.pág.8.

Como se pode ver, esta não é uma notícia objectiva e, muito menos, séria, verdadeira e imparcial. A única análise que tal notícia nos merece é a de que o jornalista não pretendeu dar uma informação objectiva, senão teria ido ver a manifestação. A imparcialidade também não foi preocupação do mesmo. Ele, apenas, tentou criticar o governo. Refira-se, ainda, que aquele foi candidato a autarca na lista da CDU à Assembleia Municipal de Barcelos.

Recordamo-nos, também, da vinda de Macário Correia a Barcelos, para uma conferência meramente partidária, e da notícia que o mesmo jornalista escreveu acerca desse facto. A propósito dessa notícia, gostaríamos de lhe perguntar quem é que, da Comissão Política de Secção da JSD, lhe disse que tal conferência era uma atitude crítica relativamente à Camâra Municipal de Barcelos. Esperamos uma responsabilidade a esta questão, mas estamos certos de que não a obteremos. Mas foi isso que ele dizia na noticia: "Isto é grave".

Há cerca de três meses, lemos uma notícia, logo na primeira página do Barcelos Popular, também ela completamente falsa, que nos deu vontade de rir. Como é que se pode dizer que Luís Marques Mendes, membro da Comissão política Nacional do PSD, esteve em Barcelos para uma reunião local do partido, quando ela nem sequer aconteceu? Não compreendemos.

Formulamos, a propósito, uma outra questão. Quem é que lhes deu essa informação?

Into levanta duas considerações. Ou o Barcelos Popular tem péssimos informadores ou apenas pretendiam deturpar a realidade, tendo em vista um objectivo.

É pena verificarem-se estas situações.

Por último, pretendemos, também, dizer aos jornalistas desse jornal que nem os militantes da JSD nem os do PSD são malcriados. Mas aconselhamos-lhes uma auto-reflexão.

Para terminar, esperamos que estas situações não se repitam, para a dignificação da profissão difícil e exigente que é o jornalismo.

Comissão Política de Secção
JSD

A J.S.D. E AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS

As próximas eleições autárquicas, representam para a JSD, um grande momento político, momento a que a estrutura não pode ficar alheia.

Para se fazer uma discussão interna, necessariamente democrática, com alto grau de civismo e maturidade política, equacionando todos os itens que estão em jogo, nunca esquecendo todo o passado político do PSD, a JSD prepara-se assim, para dar o seu contributo ao partido, quer ao nível das propostas, quer de programa; fazendo uma filtragem das questões, contando desde já com quatro pontos que, para nós, são essenciais.

O primeiro e ponto de partida, é sem dúvida a análise deste mandato, que está no seu fim. A JSD, pensa que, tendo em conta as dificuldades, quer ao nivel económico, quer à falta de projectos exequíveis, portanto já prontos numa fase posterior, não esquecendo a falta de quadros com que a Camâra se defronta, consideramos o mandato globalmente positivo.

E está a ser positivo, porque como era de esperar, todo o funcionamento e relacionamento da Camâra com as juntas alterou-se profundamente em nosso entender para melhor. Mas foi também um mandato onde a dignidade , a honestidade e o rigor estiveram sempre presentes, mesmo quando alguns não contentes por motivos que a JSD bem conhece, tenham tentado dizer o contrário. Porém provas nunca existiram.

A JSD, não retirando nenhum mérito, nem tão pouco fazendo aquilo que alguns gostariam, talvez para à nossa custa obterem dividendos políticos e por consequência pessoais, pensa que no próximo mandato poderemos e estamos em condições de levar a cabo uma grande mudança alicersada no trabalho já efectuado.

O segundo ponto, é aquele em que a JSD faz a sua grande aposta. É simples, muito embora a simplicidade que o caracteriza não diminua a sua importância. Falamos concretamente das listas a apresentar para as juntas de freguesia. O discurso da JSD, é na defesa intransigente do maior número de jovens intregarem as listas, chamando desta forma os jovens à política. Queremos muitos jovens a participar, mas jovens com qualidade, com propostas diferentes, como as que relacionam com a cultura, o ambiente, jovens onde a sensibilidade para questões chamadas ou tidas como de menor importância, sejam transformadas em questões de maioridade junto da população.

Cont.pág.10.

O terceiro ponto, passa pela Assembleia Municipal, onde para a qual, propomos algumas modificações no que tono que toca ao método de escolha de alguns dos seus membros. A JSD, possuiu nomes com os quais conta poder dar o seu contributo, para que a Assembleia Municipal seja, cada vez mais, um orgão prestigiado e de importância superior.

O quarto e último ponto, tem a ver com o executivo municipal. Temos propostas a fazer à CPS do PSD, mas como é natural só as levamos à discussão depois de o partido ter apresentado o seu candidato. E aproveitando a oportunidade, o candidato às próximas eleições autárquicas no entender da JSD, deve ser o Dr. Fernando Reis, que, no momento, garante o contínuo desenvolvimento do Concelho numa linha coerente com o que pensamos, queremos e defendemos para Barcelos.

P'la Comissão Política de Secção

JOSÉ ANTÓNIO FRANQUEIRA

POR UM SINDICALISMO DE JUVENTUDE

Vem a propósito este artigo, pelo facto de ainda há bem pouco tempo atrás se ter realizado um congresso de uma das centrais sindicais existentes no nosso país.

A pergunta que se coloca, é logicamente aquela em que se pode questionar o interesse quer das centrais no recrutamento de filiados jovens, e destes em relação as mesmas.

É sabido e as estatísticas assim o demonstram, que os jovens não se filiam em sindicatos, podendo-se deduzir que os sindicatos irão num futuro próximo, passar por algumas dificuldades que possivelmente hoje não estão a ser equacionadas.

Quais as razões deste divórcio? Em nosso entender são várias, uma delas é aue os sindicatos actuam única e somente na defesa dos trabalhadores que estão ligados quer ao estado, quer a sectores específicos, o que convinhamos é muito pouco para uma sociedade que se pretende desenvolvida. Portanto, todos os outros sectores privados, principalmenteos da industria estão fora das suas intenções, ou seja, só se lhes vê acção quando uma situação mais difícil proventura aconteça, não se preocupando em proporcionar boas condições como alguns ramos estatais usufruem.

Outra das questões, é certamente a sistematica e exagerada politização dos sindicatos, principalmente a CGTP, onde quer os trabalhadores quer os dirigentes são também e ao mesmo tempo, dirigentes partidários, neste caso de esquerda, não se sabendo ao certo, onde começa o sindicato e acaba o partido, mesmo tendo em conta que tambám a maioria dos jovens portugueses não prefilha tais idiais. Pode e justifica-se o referido divórcio, com tendencias para um agravamento natural e irrecuperável.

Não devemos deixar de questionar, a forma de financiamento dos sindicatos. Defendemos mesmo, que devem ser os trabalhadores com as suas quotizações a pagarem e consequentemente a obterem os benefícios que os sindicatos têm obrigação de lhes dar, quer ao nível da defesa dos interesses particulares, nas relações com os patrões, mas também na procura de poder oferecer campos de férias, clínicas de cuidados de saúde e preferencialmente boas condições de trabalho, que faça diminuir o stress àqueles que bem precisam. Ou seja, os sindicatos têm de deixar de viver à custa do estado (perdendo logo de início algum peso negocial), é em nosso entender aqui que reside a sua falta de credibilidade junto dos trabalhadores.

A união das duas centris sindicais, ainda não aconteceu, não por culpa dos trabalhadores, mas sim da CGTP, que controlada pelo PCP, não o pode fazer, pois este não quer perder a sua majestral influência junto dos trabalhadores. A confirmar isto, está o recente afastamento dos mais importantes sindicalistas desta central, todos eles queixando-se da interferência abusiva que a tendência do PCP tem junta desta.

Como pretendem os sindicatos que os trabalhadores acreditem neles, quando o esforço feito para levar os trabalhadores em geral e os jovens em particular a unirem-se e discutir as grandes questões que o mercado implica é aquele a que assitimos diáriamente..

Qual a legitimidade que a CGTP tem para pedir àqueles que acabam de chegar ao mercado do trabelho, para se sindicalizarem, dizendo-lhes para defenderem um projecto unitário, que nunca chegou a ser. Pensamos que o melhor caminho a percorrer tem de ser forçosamente outro!

Adelino Dantas
JSD

LIBERDADE E JUSTIÇA PARA TIMOR

Já muito foi dito e escrito sobre Timor-Leste, toda a informação que nos chega é suficiente para qualquer um de nós perceber que o povo timorense luta pelo direito á liberdade e essencialmente pelo direito á autodeterminação. Mas, para entender o que este povo reclama seu de Direito, , temos que entender a razão que os impele a resistir tão teimosamente e sofregedoramente ao invasor indonesio.

A história de Timor, resume-se praticamente ao ponto de vista Europeu. Desde sempre Timor foi um território que esteve ocupado por um povo não Timorense, dado este que nos leva a compreender como os timorenses conseguem resistir e preservar a sua entidadecultural, apesar da indonésianização.

A invasão de Timor pela indonésia data de 8 de Dezembro de 1975. A operação de invasão com nome de Operasi Seroja, distribuiu morte, violência gratuita e pilhagem primitiva, cerca de 80% dos homens da capital foram assassinados, não sendo poupados, também, mulheres e crianças.

Mas, a chacina não se reporta somente á altura da invasão, ela continua até hoje com episodios tão tristes como o massacre de Santa Cruz ou comédias para consumo internacional, com o julgamento de Chanana. Cerca de 1/4 dos 690.000 habitantes de Timor, foi morto desde 1975. Timor tem uma Agricultura minada, a população esta realojada em aldeamentos estratégicos, estando todas as áreas da sociedade controladas pelo bom nome da indonésianização.

Vários são os países com interesses em Timor. A indonésia, principal interessada e usufruodora, visa o contrôlo da ecónomia, da política e de que maneira o interesse estratégico de Timor. Um país que também tem tirado dividendos com a ocupação, é a Auatrália, pois proporcionou-se a entrada no mar de Timor das companhias petrolíferas. Mas os Estados Islâmicos também têm os seus interesses pois a indonésia é um dos maiores países em população Muçulmana.

Portugal, tem desempenhado um papel liderante, a nível internacional, apesar de toda a arrogância dos líderes indonésios manter-se, chegando ao ponto de pediremque Portugal reconheça internacionalmente que errou no processo de descolonização de Timor Leste, mesmo que fosse verdade a história de uma Nação, não se pode apagar nem ser refeita através de pedidos de desculpas, quem deve muitas desculpas são os indonésios.

Por isso. a JSD de Barcelos propõe que, caso as negociações do Dr. Durrão Barroso, ou de outra pessoa que lhe suceder, com os representantes indonésios, sejam um fracasso, Porutugal através do orgão competente, o Governo e a Assembleia da República, apoiem monetária e logisticamente a resistência Timorense. Não pensem que seria uma medida inédita, pois reza a história que em 1749 os Portugueses aliaram-se com os Tapasses, que na época eram a resistência ao invasor Holandês.

Não pedidos a mobilização de tropas para Timor, pois esta decisão seria um prolongar da colonização, pensamos que o fornecimento de meios, oumelhor uma proposta séria á resistência com vista a ajudar militarmente, será a última ajuda que poderemos dar a um povo que sofre á séculos a mão tutelar e interesseira de povos colonizadores.

Não pretendemos fumentar a guerra ou aniquilar de vez o povo Timorense, pois ela já existe e o povo já foi aniquilado.

"A pessoa humana define-se pela liberdade. Ser homem é ser livre. Coarctar a liberdade é despersonalizar ; surprimi-la, desumanizar."

Francisco Sá Carneiro.